

---

## Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX

---

Cyborg Manifest: science, technology and socialist-feminism in the late 20th century

---

Manifiesto ciborg: ciencia, tecnología y feminismo- socialista a fines del siglo veinte

---

Ana Beatriz Simões<sup>1</sup>

### RESUMO

Esta resenha dedica-se a apresentar o texto “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, de Donna Haraway, publicado em 1985. Discute-se o ensejo da autora em propor um mito ciborgue, profícuo a um ideário feminista emancipador, pautado na luta contra uma linguagem universal, que, ilusoriamente, seria capaz de codificar fidedignamente a realidade. Além disso, destaca-se a visão da autora acerca da escrita como uma tecnologia ciborgue, em uma luta pela linguagem contra a univocidade da comunicação e de um código que traduza a realidade de modo perfeito. Por meio destes pressupostos, Donna Haraway propõe uma escrita ciborgue de autoria feminina, que se distancia dos mitos fálicos e ocidentais sobre a origem e lança-se a subvertê-los.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manifesto ciborgue. Feminismo-socialista. Mito ciborgue.

### ABSTRACT

This review is dedicated to presenting the text “Cyborg Manifest: science, technology and socialist-feminism at the end of the 20th century, by Donna Haraway, published in 1985. It discusses the author's opportunity to propose a cyborg myth, fruitful to an emancipatory feminist ideology, based on the struggle against a universal language, which, deceptively, would be able to reliably codify reality. In addition, the author's view of writing as a cyborg technology stands out, in a struggle for language against the univocity of communication and a code that perfectly translates reality. Through these assumptions, Donna Haraway proposes a cyborg writing by women, which distances itself from the phallic and western myths about origin and sets out to subvert them.

**KEYWORDS:** Cyborgue manifest. Socialist-feminism. Cyborg Myth.

---

**Submetido em:** 02/10/2022 – **Aceito em:** 18/03/2023 – **Publicado em:** 05/07/2023

<sup>1</sup> Licenciada em Letras Português- Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). Mestre em Estudos da Linguagem pela UERJ. Doutoranda em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEN- UFRJ). Professora de Espanhol do Colégio Pedro II. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5356-975X> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0167266170624727>

**RESUMEN**

En esta reseña, se presenta el texto “Manifiesto Ciborg: ciencia, tecnología y feminismo socialista a finales del siglo XX, de Donna Haraway, que se publicó en 1985. Se discute la visión de la autora en proponer un mito ciborg, fecundo de una ideología feminista emancipadora, a partir de la lucha contra un lenguaje universal, que, engañosamente, sería capaz de codificar fehacientemente la realidad. Además, se destaca la visión de la autora de la escritura como una tecnología ciborg, en una lucha por el lenguaje contra la univocidad de la comunicación y un código que traduce perfectamente la realidad. Por estos presupuestos, Donna Haraway propone una escritura ciborg de mujeres, que se distancia de los mitos fálicos y occidentales sobre el origen y se propone a subvertirlos.

**PALABRAS CLAVE:** Manifiesto ciborg. Feminismo socialista. Mito ciborg.

Em “Manifiesto ciborgue- ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, Donna Haraway delinea, em um misto de ironia e blasfêmia, um ensaio com vistas à construção de um mito político fidedigno ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo. Este mito baseia-se em uma perspectiva cibernética, na qual se conjugam não apenas questões meramente tecnológicas, mas relativas à sociedade, sexualidade e poder: um mito ciborgue, sem gênese, sem gênero e, possivelmente, sem fim. Um “organismo- máquina”, profícuo a um ideário feminista emancipador, pautado na luta contra uma linguagem universal, que, ilusoriamente, seria capaz de codificar fidedignamente a realidade.

A autora, professora emérita do Departamento de História da Consciência da Universidade de Santa Cruz, Califórnia, interessa-se por questões de tecnologia e feminismo, nas quais é possível perceber sua formação em Filosofia e Biologia, campos em que se inscreve com grande propriedade. O corpo, assim como o tecnológico, estão presentes em suas publicações, bem como uma forte alusão ao movimento feminista. Originalmente publicado em 1985 pela *Socialist Review*, “Manifiesto Ciborgue” integra a obra “Antropolgia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano”, publicada em 2009 e assinada em conjunto com Hari Kunzru e Tomaz Tadeu. Outras obras de destaque de Donna Haraway, traduzidas para o português, são: “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, de 1995 e “Gênero para um dicionário marxista”, de 2004.

Inicialmente, no “Manifiesto”, Haraway (2009) debruça-se por explicitar o que entende por ciborgue, uma espécie de organismo cibernético resultante da hibridização entre máquina e animal e inscreve-o no entremeio das relações sociais e da construção política e ficcional. Ao distanciar-se de uma visão futurista de existência do ciborgue, a autora qualifica o final do século XX como um tempo mítico em que o animal se simbiotiza com as máquinas, seja no campo da medicina, da guerra e da sexualidade. Neste sentido, o ser humano seria, em suma, um ciborgue. Como híbridos e quimeras, teóricos e fabricados, nossa corporificação encontra-

se afetada pelas máquinas e seria impensável crer, nesta visão ciborguiana, em uma estrutura física humana puramente carnal e “orgânica”.

No intuito por contribuir com a cultura socialista-feminista, principal eixo argumentativo do manifesto, Haraway (2009) propõe, como anteriormente mencionado, um mundo sem gênero, visto que o ciborgue, pela sua faceta tecnológica, rompe com a narrativa linear de origem e desfecho da cosmovisão ocidental da criação. Como criatura de “pós-gênero”, o ciborgue nega a família orgânica e um compromisso com a bissexualidade. Sua natureza perversa – “nada inocente” - é capaz de estancar relações hierárquicas e de dominação, em especial a exercida às mulheres.

Haraway (2009) elenca três quebras de fronteiras cruciais que servem de análise à conjuntura político-ficcional do final do século XX. A primeira versa a respeito do rompimento da separação entre o homem e o animal. A linguagem, os usos de instrumentos e eventos mentais, não estabelecem, segundo Haraway (2009), uma supremacia do humano perante os ditos “irracionais” e este fato é endossado por movimentos feministas e de proteção aos animais. Com isso, o ciborgue surge onde a fronteira entre o humano e o animal é transgredida, ressignificando a ideia de animalidade.

O segundo rompimento está relacionado à dualidade animal-humano (organismo) e às máquinas. Estas últimas, a finais do século XX, tornariam ambíguas as separações entre mente e corpo e natural e artificial. Para a autora, as máquinas são perturbadoramente vivas e os humanos assustadoramente inertes. Por sua vez, o terceiro corresponde a um subconjunto do segundo: a fronteira entre o físico e o não físico não se mostra claramente delineada. Haraway (2009) destaca, nesta vertente, a ubiquidade das máquinas e sua miniaturização que as tornam invisíveis e, conseqüentemente, a concepção do ciborgue como ser fluido, éter e volátil.

Assim, o mito ciborgue representa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades, inserido em duas perspectivas a serem consideradas: uma grade de controle de poder sobre o planeta e a corporificação das relações sociais, nas quais as pessoas não temeriam vivenciar as simbioses animal-humano-máquina e a possibilidade de construir identidades fluidas e tomadas de posição contraditórias. A luta política surge em considerar estas perspectivas simultaneamente, já que ambas revelam possibilidades e dominações que não poderiam ser vistas separadamente e que causariam ilusões se assim o fosse.

Em relação ao feminismo, na seção “Identidades Fraturadas”, Haraway (2009) observa que esta noção não é unívoca, além de ser árdua tarefa sua utilização em diversos contextos. A categoria

mulher, em sua percepção, é altamente complexa, por haver sido criada a partir de discursos biologizantes e práticas sociais discriminatórias. A fragmentação dos movimentos feministas torna esta categoria “escorregadia” e constituída por meio da exclusão e da dominação de grupos de mulheres a outras. Diante desta percepção, Haraway (2009) sugere que, em meio a crises que provoquem cisões, as mulheres se agrupem não por identidades, mas por afinidades. Cumpre salientar o pensamento da autora acerca do corpo feminino, qualificado como um organismo histórico e dolorosamente constituído. Não haveria, então, momento mais propenso do que os derradeiros anos do século XX para o enfrentamento das denominações “raça”, “gênero”, “sexualidade” e “classe”, que ditam os modos de ser e de estar na sociedade, de maneira que este “novo” percurso histórico pudesse relegar ao corpo feminino outras significações. Às feministas-ciborgue, recomenda-se a negação de uma matriz identitária natural e totalitária. Em outros termos, é preciso ansiar a construção da categoria mulher em redes colaborativas e não buscar modelos excludentes e/ou marginalizados.

Haraway (2009) afirma que tanto os feminismos marxistas/socialistas quanto os radicais parecem, ao mesmo tempo, naturalizar e desnaturalizar a categoria mulher. O primeiro centra-se na emancipação feminina no cerne de uma luta de classes, ao passo que o segundo opta por focalizar a estrutura sexo-gênero e as relações que esta produz. No entanto, a autora, com sua proposta de reinscrição da história, parece crer em um movimento feminista, de fato emancipador, quando este se aproxima às questões da ciência e da tecnologia. Ao questionar dualidades e polarizações, a semiologia ciborgue pressupõe uma teoria e prática dirigida às relações sócio-científico-tecnológicas, que montam e desmontam um eu pós-moderno. O ciborgue representa esta remontagem do eu. Decerto não há como negar o papel da tecnologia em nosso tempo e o quanto esta pode ser significativa aos ideários feministas. Lévy (1999), em “Cibercultura”, reitera que a tecnologia em si não é boa nem má; são usos que se fazem dela que podem ser bons ou maus. Como bem observa Haraway (2009), as tecnologias de comunicação e as biotecnologias corporificam e impõem novas relações para as mulheres de todo o mundo. O grande questionamento parece ser os arranjo e rearranjos do uso tecnológico, de forma que este seja aliado à emancipação feminista.

Haraway (2009) referenda Grossman (1980) ao apropriar-se do conceito “mulheres no circuito integrado”, a fim de denominar a situação das mulheres neste mundo de relações sociais pautadas na ciência e na tecnologia. Estas relações, na esteira do pensamento de Latour (1984 *apud* Haraway, 2009, p. 67) propiciam renovadas fontes de poder; o papel da sociedade, diante disto, seria o de buscar renovação pela análise e ação política. Deste modo, e como salientado acima, não se pressupõe um determinismo tecnológico, mas sim um sistema que prevê rearranjos de ações, que visem a uma política progressiva eficaz.

Com relação à organização do trabalho, Haraway (2009) postula, na seção “A ‘economia do trabalho caseiro’ fora de casa”, que a Nova Revolução Industrial propicia a formação de uma nova classe trabalhadora e de sexualidades e etnicidades, além do surgimento de novas coletividades e do enfraquecimento dos agrupamentos familiares. A escolha pelo trabalho feminino das multinacionais do setor de exportações não é uma questão de mera preferência, mas está ancorada nos aspectos sexuais, reprodutivos, culturais e de consumo e produção. A economia do trabalho caseiro, conceito de Richard Gordon, pressupõe a feminização laboral, seja ela desenvolvida por homens ou mulheres, no ambiente doméstico ou fabril: características servis e contratos flexíveis permeiam este conceito. Contudo, a economia do trabalho caseiro não significa uma desqualificação em massa, mas uma nova integração entre fábrica, casa e mercado, potencializada pelas novas tecnologias, embora estas não sejam os elementos determinantes.

Por conseguinte, Haraway (2009), diante das diversas consequências de utilização da tecnologia nas relações sociais, como a produção da pobreza e substituição de mão de obra e a reformulação das expectativas, da cultura e do trabalho, recomenda que é preciso que uma política socialista-feminista adequada se dirija às mulheres de categorias ocupacionais privilegiadas. Acrescenta a esta recomendação um olhar crítico à ciência e à tecnologia e às formas de constituição de discursos, processos e objetos tecnocientíficos. A autora materializa este ensejo em alguns tópicos questionadores, quais sejam: o papel constitutivo dos grupos que fazem ciência, o modo como seria possível a construção de alianças que reunissem as mulheres ao longo das hierarquias tecnocientíficas que as separam e as formas de desenvolvimento científico próximas a grupos antimilitares com o objetivo de promover a paz.

Na seção “As mulheres no circuito integrado”. Haraway (2009) retoma a noção de informática da dominação e esboça o (não) lugar das mulheres em um circuito integrado, em casa, local de trabalho remunerado, no mercado, estado, escola e clínica-hospital, sintetizado aqui em alguns pontos: mulheres chefiando lares sozinhas; violência doméstica intensa; família nuclear reforçada, sexualização intensificada do consumo abstrato e alienado; persistência e intensificação da divisão racial e sexual do trabalho; continuidade da erosão do estado de bem-estar social e educação para a ignorância em massa e repressão. Ao combate destas características, Haraway (2009) novamente intensifica o convite à construção de uma política socialista-feminista voltada à ciência e tecnologia.

Na conclusão de seu manifesto, Haraway (2009) destaca um ponto relevante na construção de um mito ciborgue: a escrita. O acesso ao escrito pressupõe a tomada de poder de grupos

marginalizados como as “mulheres de cor” americanas. A autora relembra o papel da escrita nas sociedades civilizadas e o quanto esta tecnologia é crucial à distinção de mentes primitivas e adiantadas em um paradigma discriminatório dos povos originários, como os indígenas, por exemplo. Felizmente as teorias pós-modernas descontroem esta visão e direcionam-se a uma disputa dos significados criados pela escrita como forma importante de luta contemporânea. O jogo da escrita, como pressupõe Haraway (2009), é uma importante pauta ciborgue. Uma escrita-ciborgue de autoria feminina distancia-se dos mitos fálicos e ocidentais sobre a origem e lança-se a subvertê-los.

A autora sintetiza que a escrita é a tecnologia dos ciborgues e uma política ciborgue resume-se à luta pela linguagem contra a univocidade da comunicação e de um código que traduza a realidade de modo perfeito. Nesse sentido, Haraway (2009) parece distanciar-se de uma visão objetivista da realidade. Neste panorama, o significado é dado de modo estático e com precisão e o aspecto declarativo é segmentado em verdades ou falseamentos, os tais dualismos e polarizações (masculino/feminino; certo/errado) que a autora referencia ao longo do manifesto. A linguagem, no paradigma objetivista, é um espelho da realidade, transparente ao modo como o mundo se organiza. Ferrari (2010, p.21) endossa essas considerações sobre o objetivismo e acrescenta que, neste paradigma, à linguagem era relegada o papel de descrever “os estados do mundo”. A seu modo, uma política ciborgue advoga a favor do hibridismo, de uma “heteroglossia herética”, na qual não se espera a criação de uma linguagem comum em uma univocidade simbólica, mas, de certo modo, relativista às múltiplas facetas de desconstrução propostas em uma ideologia ciborgue.

A modo de conclusão, a autora resume seu manifesto em dois argumentos cruciais: a construção de uma teoria universal parece ser um equívoco, por não apreender totalmente a realidade e a responsabilidade por tomar um fazer científico e tecnológico distantes de demonizações e da anticência. O sonho da construção de um mito ciborgue, que ressaltado pela sua faceta de máquina, pudesse ser capaz de lutar contra a dominação direcionada às mulheres e “aos supersalvadores” da direita. Recomenda-se envolver-se em uma dança espiralada de construção e desconstrução, em uma cadência que se oponha às dualidades do mundo.

Afinal, há mesmo limite entre corpo e tecnologia em um cotidiano tecido por telas? Será que, como Haraway (2009) questiona, o corpo humano se encerra nas fronteiras ditadas pela pele? Os argumentos apresentados no ‘Manifesto Ciborgue’, apesar de propostos em 1985, mostram-se relevantes e atuais. A definição de Cibercultura de Santos (2012) como a cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais em rede caracteriza-se pela emergência da mobilidade ubíqua em conectividade com o ciberespaço e as cidades, bem como demonstra a

hibridização do tecnológico com a ciência e com as relações sociais nos tempos atuais. Longe de demonizar ou negar a tecnologia, como recomenda Haraway (2009), urge-se pensar em como as relações sociais se rearranjam neste contexto cibernético. O ciborgue não se resume a ser puramente tecnológico. É organismo de luta contra um fazer científico dual e dominador.

Lemos (2003) elenca três “Leis da Cibercultura”, quais sejam: liberação do polo da emissão, conexão generalizada em rede e reconfiguração de práticas e instituições. Sobre a primeira, em um esquema clássico de comunicação em massa, determinados meios audiovisuais detinham o poder de produzir conhecimento. Entretanto, pelas funcionalidades que as tecnologias digitais trazem, não só a alta qualidade na produção de conteúdo em diferentes semioses (músicas, vídeos, imagens e áudios), como também o rápido compartilhamento por meio das redes sociais, os praticantes são convidados, diariamente, a exercer (ou não) a sua criticidade perante os desafios diários. E, de fato, o feminismo certamente ganha espaço ao ter sua voz propagada nos entremeios sociais. E esta voz é propagada por meio da linguagem, potente arma ciborgue destacada pela autora. Não uma linguagem ilusoriamente única, mas relativa à multiplicidade das relações sociais. Talvez seja essa a luta que Haraway (2009), em 1985, propunha por meio da tecnologia e da escrita-ciborgue: uma disputa pela política do dizer, eficaz a uma luta feminista emancipadora e uma sociedade sem a polarização dos gêneros. Ser ciborgue não é ser criatura de ficção científica futurista. Ser ciborgue é inscrever-se no agora contra a dominação e os dualismos sociais marginalizantes.

## REFERÊNCIAS

- FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GROSSMAN, Rachel. Women’s place in the integrated circuit. **Radical America**. v. 14, n. 1, 1980, p. 29-50.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna.; KUNZRU, Hari.; TADEU, Tomaz (orgs). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.
- LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- LEMO, André. Cibercultura: alguns pontos para entender a nossa era. In: LEMO, André.; CUNHA, P. (orgs.) **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.34-49.



LÉVY, Pierre. **Ciberultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANTOS, Edméa. Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet: um case com o Twitter. **Revista COM CIÊNCIA**. n. 139, online, jun. 2012.

Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=74&id=932>.

Acesso em 04 de abril de 2023.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.